

A identidade ameaça o coletivo?

Artista francesa num evento

É mais forte do que eu, não consigo evitar contar o número de pessoas negras na sala... Bom, eu sei que estamos na França e que, oficialmente, não temos o direito de contar. Mas fiz as contas e acho que somos cerca de doze.

Narradora (voz off)

Essa cena foi forte. Criou um grande desconforto no público. É uma pessoa negra contando outras pessoas negras — algo que não se faz na França. A França proíbe estatísticas étnicas. Teoricamente, a República reconhece apenas cidadãos definidos de forma abstrata e genérica.

Esse é o famoso universalismo republicano. Segundo ele, o universalismo é o único princípio que nos permite lutar contra a discriminação.

Hoje, ele é contestado por militantes antirracistas, que o acusam de ser um princípio abstrato que mascara desigualdades reais.

E faz sentido: se quisermos demonstrar que há sub-representação de pessoas não brancas no cinema, é preciso contá-las.

Nadia Kisukidi é uma filósofa franco-congolesa que trabalha com filosofia francesa e questões coloniais. Em seu último livro, ela se apresenta explicitamente como uma mulher negra e reflete sobre essa questão das identidades.

Como fazer com que a valorização das identidades não leve à racialização dos debates ou à fragmentação da sociedade?

Nadia Kisukidi

Escolhi a filosofia justamente por tudo o que ela promete em termos de emancipação, de busca pela verdade.

A utopia da filosofia está na ideia de libertar o ser humano das grandes opressões: da religião, das formas de poder que mantêm o espírito sob tutela.

Mas depois, quando você se depara com certos autores que ama e percebe traços de misoginia, racismo, antisemitismo — justamente as violências que você tenta combater no seu cotidiano — você se pergunta:

Que disciplina é essa que escolhi?

Por que encontro, nela, os mesmos discursos dos quais tentei escapar?

Narradora

De fato, é algo que não se ensina nas escolas, mas é possível encontrar passagens abertamente antisemitas, racistas e misóginas em autores como Diderot, Rousseau ou Voltaire.

Nadia Kisukidi

Pensar a partir da minha identidade?

Não sei se é exatamente isso.

Mas há palavras que se impõem sobre certas vidas.

Palavras que caem sobre você, que limitam o que você pode ser.

E aí você é forçada a lidar com elas: aceitá-las, recusá-las ou recriá-las.

Minha identidade como mulher, como negra, minha nacionalidade — essas palavras me foram atribuídas constantemente.

A questão não é apenas se afirmar como “sou uma mulher negra”, mas o que fazemos com essas palavras.

Elas expressam, acima de tudo, nossos desejos políticos para este mundo.

Narradora

No debate atual, muitas vezes se acusa os militantes antirracistas de reintroduzirem a noção de “raça” — algo que a República nega existir.

Mas quando Nadia afirma que é negra, isso não significa que ela tenha absorvido os discursos racistas.

Ao contrário: ela recusa a ideia racista de que ser negro é ser nada.

Se ela é negra e é alguém, então sua negritude desmonta, por si só, o discurso racista.

Nadia Kisukidi

Essa afirmação identitária — se quisermos chamá-la assim — é profundamente antirracista.

Ela não implica recusar a comunidade com os não negros.

Mas exige que, para haver comunidade, seja reconhecido que eu não sou um nada.

Narradora

Mas como pensar essa comunidade?

Como construir um comum que supere as diferenças de raça, sexo e singularidade?

Esse foi o projeto universalista da Revolução Francesa e da Declaração dos Direitos do Homem de 1789: todos os homens são livres e iguais em direitos.

Mas já naquele tempo o ideal universalista foi criticado — tanto pela direita quanto pela esquerda.

Historiadora Sophie Wahnich

A crítica da direita dizia: o “Homem” não existe — só conhecemos franceses, italianos, russos...

A crítica da esquerda, feita por Marx, apontava o caráter burguês da Revolução.

A propriedade privada como direito inviolável, por exemplo, torna os direitos universais apenas aparentes.

O universalismo escondia a dominação de classe.

Narradora

Hoje, críticas semelhantes vêm da valorização das identidades.

Alguns temem que isso leve a uma “guerra de identidades”, e que se perca a noção de projeto coletivo.

Nadia Kisukidi

A palavra “identidade” pode ser mobilizada de diferentes formas.

Ela pode servir a discursos nacionalistas e fechados.

Mas também pode ser uma maneira de contar uma história de si.

Quem sou eu? Essa pergunta não encontra resposta nos meus dois passaportes — congolês e francês.

Historicamente, as pessoas negras foram desumanizadas, vendidas, negadas.

Afirmar sua identidade é também reivindicar a reintegração no pacto republicano.

Narradora

O termo “racializado”, por exemplo, pode ser visto de duas formas.

Uns dizem: reafirmar identidades raciais é um gesto racista.

Outros dizem: é uma forma de denunciar a exclusão do universal — e exigir nossa reintegração nele.

Nadia Kisukidi

O ideal universalista não está ameaçado pela afirmação da identidade.

Tomo como exemplo os pensadores da negritude, como Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor.

A negritude, para eles, é uma resposta à negação ontológica e cultural imposta pela colonização.

Ser negro era ser nada. As culturas negras eram vistas como sem valor.

A negritude afirma: nós também contribuímos com o universal.

Senghor

A negritude não é fechamento, não é racismo.

É abertura a todos os sopros do mundo, aos aportes de outras civilizações.

Toda grande civilização é enraizamento e abertura.

Nadia Kisukidi

A partir dessa perspectiva, o universal não é negado — ele é expandido.

O verdadeiro universalismo inclui a diferença e a transformação pelo encontro com o outro.

Os pensadores da negritude criticam o “falso universal”: aquele construído pelo e para o homem branco.

Narradora

O mesmo vale para os pensadores pós-coloniais.

Eles denunciam a forma como o Ocidente, em nome de seu suposto universalismo, excluiu os colonizados.

A colonização foi feita *em nome* do universal — da missão civilizadora.

O que os teóricos decoloniais apontam é que essa colonialidade persiste.

Nas estruturas econômicas, nos saberes, na forma como ensinamos história.

Ensinar que Colombo “descobriu” a América é um exemplo de eurocentrismo.

Nadia Kisukidi

Walter Mignolo fala em “desobediência epistêmica”.

Não se trata de destruir os autores que nos formaram, mas de ousar conhecer outros, que foram negados.

É uma forma de pensar outro mundo possível.

Narradora

A afirmação da identidade não é necessariamente fechamento.

As críticas não brancas ao universalismo não rejeitam o ideal de igualdade e liberdade.

Mas denunciam um republicanismo que exige assimilação e invisibiliza desigualdades reais.

A questão não é escolher entre o universal e o particular, mas entre um falso universal e um universal aberto às singularidades.